

Bienal - Crônica

Arlindo Gonçalves

Sempre vou à Bienal do Livro. Até penso em não ir mais. São magros descontos, filas enormes pra pegar o ônibus gratuito, multidões desvairadas, crianças ranhentas pisando nos seus pés, calor demais, comida gordurosa e latinha de cerveja a imorais preços astronômicos. A cada dois anos, penso em desistir. Mas acabo indo. Acho que é alguma compulsão masoquista, sei lá. De tudo de tudo, desde 2004, eu não pago mais a entrada. Isso porque virei escritor. Não pago em dinheiro, mas pago em micos. A eles, então.

Numa Bienal, fui convidado pela editora do meu segundo livro pra ficar no estande esperando algum desavisado, deprimido e às margens do suicídio comprar minha obra. Ninguém comprou. Puseram uma mesinha lindinha, com flores e tudo.

Apesar de eu não ter despertado a atenção de nenhum leitor, o inesperado aconteceu. Uma moça chegou até mim e perguntou: “Onde fica o banheiro?”. Aturdido, repliquei: “Oras, não sei”. Ela: “Ué, mas aqui não é balcão de informações?”. Devo ter feito a cara mais miserável do mundo. Grunhi: “Não, aqui é lançamento de livro, olha que bonito (mostro um exemplar); leva um?”. Ela, envergonhada, pediu mil perdões, disse que ia ao banheiro e que voltaria pra comprar o livro. Não voltou.

Assim que ela saiu, outra moça (mulheres dominam as Bienais): “Onde é que o Calligaris está autografando?”. Eu: “Sei lá, oras; sei que estou autografando o meu livro aqui, quer um?”.

Tenho uma amiga escritora que disse pra mim que esquentar com lançamentos é pior. Livros atraem multidões somente na Bienal. Mas a multidão vai à Bienal, não ao lançamento X, Y ou Z, especificamente. A Bienal, metaforicamente, acaba sendo um shopping. E essa mesma amiga completa dizendo que se nós escritores quisermos atrair a atenção pros lançamentos, o melhor caminho seria incluir no evento muita bebida, umas apresentações de música, umas mulheres dançando dança do ventre, trazer as meninas do Pânico, uns Go Go Boys e tal.

Noutra Bienal, a editora me ligou pra combinar minha participação:

— Alô, seu Dog, o senhor quer participar da Bienal no nosso estande?

Pensei em declinar, mas acho que o sadismo falou mais forte. Ele disse “sim” em meu lugar. E pra formalizar a credencial, ela me pediu dados como RG e telefone. Combinamos como eu retiraria a credencial:

— Seu Dog, vou deixar com você o número do meu celular. O senhor, ao chegar ao portão de entrada da Bienal, me liga que eu vou ao seu encontro entregar a credencial, sem que o senhor precise ficar na fila.

Raciocinei um pouco:

— Minha cara, o seu plano seria perfeito, não fosse por um motivo: eu nunca te vi nem você nunca me viu. Como você vai saber quem eu sou na portaria?

— Meu Deus! Que vamos fazer?

Tentando acalmá-la, digo:

— Olha, quando eu te ligar, vá até a portaria. Chegando lá, passe os olhos por todos que estiverem por perto. Eu sou a cara do Brad Pitt. Já fui muitas vezes confundido com ele na rua. Dei até autógrafo no lugar do cara.

— Seu Dog, é sério!

— Tá... Outra idéia: eu vou vestido com uma camiseta laranja, com bolas roxas na frente e, nas costas, um desenho de um rabino apontando pra Meca.

— Por favor, vamos dar um jeito nisso...

Bem, a essa altura da conversa, não sendo eu a cara do Brad, nem tendo uma camisa daquela, restou-nos apenas a alternativa de eu chegar lá levando comigo um exemplar do meu livro (com meu nome impresso de forma bem legível na capa). De posse de um indivíduo editorial encalhado que é um exemplar de minha obra e do meu celular, ligaria pra ela. Imediatamente após desligar o telefone, eu levantaria meu exemplar com as duas mãos. Ficaria mostrando meu nome na capa tal qual esses guias de turismo que esperam clientes nos aeroportos. Infalível.

Na pretérita Bienal, nem caneta levei. Um amigo foi lá no mesmo dia que eu. Pros autógrafos, reservou uma caneta linda: bico de pena, um luxo. Só que, já no segundo autógrafo (dado a uma pessoa da família dele, claro), a caneta explodiu e manchou todo o exemplar. Além do sinistro no livro, a mão do escritor ficou parecendo que tinha ido procurar petróleo (e achado). Como estávamos no estande, não havendo banheiro, o pobre teve de limpar a mão com uma sulfite esquecida por ali. Experimente, você, sujar a mão de tinta e, depois, limpá-la com uma folha de... sulfite... Enfim, além de ter de ficar o resto da noite sem poder apertar a mão dos leitores, ele teve de aguentar a namorada ralhando: “Não te disse pra não trazer essa caneta fru fru de merda? Isso só dá certo em Paris, Berlim, Londres... Aqui no País das Bananas só funciona o caixa da praça de alimentação!”. As vendas do nosso amigo escritor de mão preta foram anoréxicas.

Meu sobrenome é Marrão. Na minha conta de luz, vem escrito “Barrão”. Nos tempos dos cheques, o banco imprimiu em 60 folhas de talões o sobrenome “Mamão”. Desisti de usar esse sobrenome. Fico com o nome e o prenome mesmo: “Dog”. Em Bienais ancestrais, insisti em usar o nome oficial. E sempre me dei mal. Um exemplo.

Naquela Bienal que falei, antes de ir pro estande, achamos o da Imprensa Oficial. E por lá vi o ótimo livro “Psique & negritude – os efeitos psicossociais do racismo”. Peguei dois exemplares e fui pra fila do caixa. Um exemplar era pra mim; o outro, eu pretendia dar de presente pra um amigo. A caixa disse:

— Moço, as autoras (o trabalho foi escrito apenas por mulheres assistentes sociais) do livro estão autografando a obra ali naquela mesinha. Vai querer que elas autografem? Se sim, basta dizer os nomes, que eu escrevo num papelzinho pra elas fazerem as dedicatórias.

— Vou querer, sim. Num, você escreve apenas “Dog”; noutro, “Júlio”.

Ela fez direitinho. Fui pra fila de autógrafos. Quando cheguei, cumprimentei a primeira escritora, uma senhora de uns amáveis e falantes 60 e poucos anos. Em contraste à fala tão bem projetada, a visão falha. Isso mesmo, ela parecia não enxergar bem. Os papezinhos com os nossos nomes foram inúteis porque ela não os conseguia ler. E disse:

— Pra quem eu dedico o primeiro exemplar?

Eu respondo bem alto:

— Pro Júlio.

Ela, então, escreveu corretamente a dedicatória. Só que, não sei por que, ela decidiu tentar ler novamente o segundo papel:

— Deixa que esse eu mesmo leio...

E toca a forçar a vista sobre o papel.

— Do... Não, é lo... lo... Isso mesmo, lo...

Ela comprimia cada vez mais a vista sobre o papelzinho e, finalmente, disse com propriedade:

— IOGUE! QUE BELO NOME, MEU AMIGO!

E lá se vão longos minutos com ela falando alegremente sobre o livro. Me chamando de logue pra tudo que é canto, sem me deixar nem sequer uma brecha pra dizer que meu nome não era... Bom, deixa pra lá. Passou o tempo, fiquei constrangido e achei melhor não desfazer a ilusão de ter nome tão evocativo. Então, o golpe de misericórdia dado de caneta: “logue, espero que este livro contribua na ampliação do seu olhar sobre o tema racial”.

Bom, vou terminar contando como foi a minha performance no estande. Mais uma vez, mesinha bonitinha, cheia de exemplares. Apenas uma pessoa conhecida apareceu, uma amiga do trabalho. Ela levou marido e filhos. E salvou-me de encerrar o campeonato pior do que a seletinha do Felipão. Agradeço a ela.

Foi muito legal, apesar de não termos vendido nenhum exemplar. Até dei entrevista pra uma rádio. E o repórter nos disse que a entrevista iria ao ar por volta das 10 horas da manhã do dia seguinte. Liguei pra minha sogra e fiz a coitada ficar ouvindo a rádio das 10 ao meio-dia, e nada da minha entrevista. Meio-dia e pouquinho, o locutor: “Fechamos o nosso primeiro bloco de entrevistas com os autores da Bienal”. Em seguida, completa: “Voltaremos às 14 horas com mais entrevistas, outros autores e o melhor do evento”. Minha sogra foi almoçar e, no horário aventado, sintonizou novamente a estação. Ela disse pra gente que a minha entrevista foi ao ar um pouco antes das 16 horas...

Bom, creio que, a despeito das intempéries, continuarei a ir às Bienais. Não pago ingresso mesmo... Pelo menos em dinheiro... Micos? Acho que pago alguns. Mas é sempre bom. Sempre sobra assunto pra escrever meus textos. Assim sendo, nos veremos novamente, portanto, na próxima BienalCrônica.

Tudo escurece.

Dog.